

APELOS DE COLABORAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

13-11-58

Parece que alguém chamou a atenção do sr. Presidente da República para a situação do país. A julgar pelo discurso pronunciado ontem, dir-se-ia que Sua Excelência começa a desconfiar que aquela história dos cinquenta anos em cinco não está dando certo, ou está salindo pela culatra. O fato é que a situação está grave, excessivamente grave, como dizia aquele personagem de Eça de Queiroz. E está grave justamente porque são personagens de Eça de Queiroz que dirigem os destinos da República.

Corra o leitor os olhos pelo planiférico dos acontecimentos e diga-me o que vê. Ou corra simplesmente os olhos pelos títulos das notícias dos jornais. Vêm clamores do norte, onde há fome e desolação. Do sul vem o protesto dos cafeicultores e a ameaça da marcha que teve de ser detida por forças do exército. Os trabalhadores se queixam, que não podem aguentar o atual custo de vida com o salário mínimo vigente. Os aposentados (excetuando os privilegiados gerais e marechais de pijama) se queixam também dos cento e trinta mil processos parados na máquina administrativa. Explicam os economistas que o Brasil exportou menos e importou mais, que o café encolheu e que o açúcar vai atrás do café. No excelente discurso pronunciado pelo senador Mem de Sá, o governo do sr. Juscelino Kubitschek foi comparado a um vendaval. A comparação é feliz pela extensão dos efeitos, mas já não é tão feliz quando lembramos a duração do fenômeno. Não há vendaval que dure cinco anos.

O fato é que o próprio governo, recentemente, começou a desconfiar. O sr. Lucas Lopes, muito digno Ministro da Fazenda, trouxe a público dois grossos volumes que contêm estudos sobre o Plano de Estabilização Monetária. O Ministro apela para a boa vontade de todos a fim de que possa realizar tão almejada meta. E agora, no discurso de ontem, o Presidente torna dizer que espera a compreensão dos adversários neste momento grave que o país atravessa. Em estilo nobre e elevado, que aliás é o de mais fácil fabricação, o Presidente, ou lá quem lhe escreveu o discurso, diz que a hora é "particularmente delicada em muitos setores da vida nacional" e que por isso recomenda o governo uma "pausa para que encontremos todos, mesmo os de divergência partidária mais acentuada, um ponto de convergência que conduza ao legítimo interesse público".

Essa idéia da "pausa" é divertida vinda de onde vem. Ora essa! há três anos não dizemos nós outra coisa a esse presidente trepidante, que compra aviões especiais, que despacha no joelho enquanto corre a míssil, que se gaba justamente de ser itinerante irrequieto. Agora é nos vem pedir uma "pausa". Mas ainda mais divertida é a passagem do discurso em que o presidente diz que "em certas ocasiões em face de determinados problemas capitais para o país, o interesse público deve sobrepair a qualquer espécie de interesse partidário". Ora, há muitos anos, antes de o sr. Juscelino nascer para a presidência desta infelizada República, nós vimos ensinando que o interesse público deve sempre prevalecer sobre os interesses partidários, e não somente em certas horas.

Que confiança pode merecer esse grupo de homens que pede uma "pausa" e que, evidentemente, não usou uma pausa para melhor redigir um discurso? É claro que todos nós desejamos a estabilização da moeda. Como muito bem disse o sr. Hermann Goergen, deputado do Partido Democrata Cristão da Alemanha Ocidental, a moeda forte devia ser reclamada como um direito do homem, como uma das notas essenciais do regime integralmente democrático. Mas o exemplo de Portugal serve para mostrar que não basta a moeda estável para termos um regime estável e uma economia feliz e humana. A condição é necessária mas não é bastante.

Posto isso, todos nós estaríamos prontos a colaborar com o governo, e até nós outros, "escribas de coisas miudas" poríamos nossa pena a serviço da cruzada. Mas para que o sr. Lucas Lopes ou o sr.

Juscelino Kubitschek tenham a persuasão de um Pedro o Eremita ou de um São Bernardo, é preciso que juntem à pregação o exemplo. Seria aliás melhor que o exemplo precedesse, e de muito, a pregação. Um dos dados, ou melhor um dos fatores principais na construção da moeda forte é a confiança bem fundada na austeridade do governo. Ora, onde estão os dados para tê-la confiança? Onde estão os fatos que provam a reta intenção? Vê-se por toda parte desperdício, desperdício relaxado, desperdício doido, desperdício sempre culposo. Quem é que mandou gastar 15 mil contos, sim senhores, quinze milhões de cruzeiros nas latrinas, com o perdão da palavra, de Brasília? Ainda ontem dei com os olhos numa notícia insignificante e relativa à festa do tal sesquicentenário do Jardim Botânico. Vi que a festa custou 9.000 contos, sim senhores, nove milhões de contos. A despesa, para um país não é grande, mas é significativa. Que necessidade tínhamos nós de festejar essa fração de centenário das plantas? Que diacho de pressão levou o Presidente ou o Ministro a aprovar tal despesa? Com menos do que o que se gastou no sesquicentenário das madeiras ou nas latrinas, com o perdão da palavra, de Brasília, podíamos ter um bom laboratório de telecomunicações em lugar do pardeiro onde funciona o curso da Escola Nacional de Engenharia. De outro tipo foi a despesa, o custo da festa da Asa. Houve três mortos entre os para-quadristas. Ora, isto me parece o cumulo da estupidez. Isto nos leva para o domínio da anedota que costumamos atribuir aos lusitanos. É demais! Três rapazes morreram na festa da asa porque o negócio funcionou mal. A porcentagem de perdas, em nossas festas militares, são mais elevadas do que costumam ser em tempo de guerra nos países em que as coisas funcionam. Que festas bestas santo Deus! Mas estavam falando em despesas. — Que necessidade tínhamos nós de mandar o general Lott a Roma? Descontando a piada genial, que

atribui ao ilustre ministro a função de garantir a legalidade e a posse do Papa eleito, não vejo outra significação para a despesa dessa inútil comédia. Mostre-nos o governo, lealmente, em cima da perna, o que gasta com essas besteiras, o que gasta com os escritórios comerciais, que todo o Itamarati sabe serem absolutamente inúteis, o que gasta com as viagens, com as festas, com as missões, com os viscounts, com as magnólias de Brasília, com as visitas a Buenos Aires, com as recepções, com as latrinas presidenciais, e depois sim, depois conversaremos a respeito de colaboração.

Meses atrás, quando o Brasil ganhou o campeonato mundial de futebol, o Presidente Juscelino Kubitschek fez um discurso em que dizia ver, naquele feito, o início de um novo Brasil, de um Brasil de Brasília. Escrevi eu um artigo, protestando contra a indevida apropriação da glória alheia. Hoje temos um modelo melhor, mais adequado, se quisermos fazer comparações entre governos e jogos de futebol. É o time do Bela Vista. É com esse time, senhores e senhoras, que se parece, como dois gêmeos, o governo do sr. Juscelino Kubitschek. Os goals que enguliram são proporcionais aos cruzeiros que emitimos. Perderam de 8 a zero aqui, de seis a zero acolá, e assim por diante. Gastaram muito dinheiro, e depois, na volta, foram ovacionados pelos conterrâneos em sinal de desagravo ou de não sei o quê. É com esse selecionado que se parece o governo, o grupo, o ministério do sr. Juscelino. Note-se até que são todos mineiros.

É esse time que agora vem pedir uma "pausa" para meditação à oposição! E que vem lembrar que em "certas ocasiões" (essa é boa!) o interesse público deve sobrepair o interesse partidário ou particular!

A meu ver, está na hora da oposição exigir provas cabais, provas nítidas de intenções sérias. Está na hora de exigir do governo um sinal convincente de seriedade.